

A IDENTIDADE DO OITAVO REI DE APOCALIPSE 17

ELTON JR.¹

Resumo: O estudo lida com a identidade do oitavo rei de Apocalipse 17. O autor procura ampliar a discussão já existente, sugerindo novos elementos para a discussão do tópico. Ele destaca a recapitulação da cena de Apocalipse 17:12-14 em Apocalipse 19:11-21. Fato amplamente aceito pelos estudiosos do livro, contudo, pouco explorado em muitas interpretações da identidade do oitavo rei. O autor, então, sugere que Apocalipse 19, especialmente, os versículos 19 e 20, pode constituir as lentes contextuais e literárias pelas quais a identidade desse símbolo pode ser interpretada. O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, o autor discute exegeticamente Apocalipse 17, com o foco no oitavo rei. Em seguida, apresenta razões pelas quais Apocalipse 19:11-21 recapitula Apocalipse 17:12-14. O resultado é a sugestão de que a figura do oitavo rei se refere ao retorno da sétima cabeça, após a cura da ferida mortal. Portanto, a besta de Apocalipse 17:11 é identificada como outra fase da besta do mar de Apocalipse 13:1-10.

Palavras-chave: Oitavo rei. Identidade. Besta.

THE IDENTITY OF THE EIGHTH KING OF REVELATION 17

Abstract: The study deals with the identity of the eighth king of Revelation 17. The author seeks to expand the existing discussion by suggesting new elements for the discussion of the topic. He highlights the recapitulation of the scene from Revelation 17:12-14 in Revelation 19:11-21. A fact widely accepted by scholars of the book, however, little explored in many interpretations of the identity of the eighth king. The author then suggests that Revelation 19, especially verses 19 and 20, may be the contextual and literary lens through which the identity of this symbol can be interpreted. The work is divided into two parts. In the first, the author exegetically discusses Revelation 17, with a focus on the eighth king. He then shows why Revelation 19:11-21 recapitulates Revelation 17:12-14.

¹ Mestre em Interpretação Bíblica (Unasp, Engenheiro Coelho – SP). Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: pastoreltonjunior@gmail.com.

The result is the suggestion that the figure of the eighth king refers to the return of the seventh head, after the mortal wound has healed. Therefore, the beast of Revelation 17:11 is identified as another phase of the sea beast of Revelation 13:1-10.

Keywords: Eighth king. Identity. Beast.

1. Introdução

Poucos assuntos nas Escrituras têm desafiado tanto os estudiosos como a identidade do oitavo rei de Apocalipse 17.² Evidência disso são as diversas interpretações dadas para esse símbolo. Não sem razão, Patterson (2012, n. p.) nota que os versículos 10 e 11 desse capítulo talvez sejam os mais debatidos em todo o Apocalipse. Entre as razões parece estar o fato de que “a besta é o único símbolo importante não explicitamente interpretado” pelo anjo nesse capítulo (AUNE, 1998, p. 939). Contudo, sua interpretação pode ser encontrada em Apocalipse 19:19-20, uma vez que essa passagem é parte da recapitulação da batalha descrita em Apocalipse 17:12-14 – fato que parece ter relativo consenso entre os estudiosos do livro. Assim, esse paralelo pode ter implicações para a identidade do oitavo rei.

Por isso, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, se discute exegeticamente Apocalipse 17,³ em interação com as interpretações dadas à figura do oitavo rei. Na segunda, é discutido o paralelo entre Apocalipse 17:12-14 e Apocalipse 19:19-20. Não é propósito interpretar detalhadamente o símbolo da Babilônia,⁴ embora ele mereça certa atenção em nosso estudo, uma vez que está conectado com a besta.⁵ Além disso, a batalha do Armagedom não é examinada em sua integralidade,⁶ mas apenas na medida em que interessa ao tema em estudo.

² A versão bíblica utilizada neste artigo é a Almeida Revista e Atualizada, salvo indicação contrária. Para o texto grego do Novo Testamento, foi utilizada a edição de Holmes (2010).

³ O texto não apresenta nenhuma variante textual relevante para a nossa discussão. Mas, para alguns detalhes textuais, ver Omanson (2010, p. 558-561, 565-566); Metzger (2006, p. 667-670, 675-676).

⁴ Para diferentes pontos de vista, ver Pate (2003, p. 77-82 [preterismo]; 121-124 [idealismo]; 163-165 [dispensacionalismo progressivo]; 209-212 [dispensacionalismo clássico]); Biguzzi (2006, p. 371-386). Para a sugestão de que Babilônia é outro nome para a “imagem da besta” de Apocalipse 13:15, ver Lyu (2016).

⁵ Luz sobre a identidade do oitavo rei é advinda do estudo da besta nesse capítulo, pois o versículo 11 nos lembra de que o oitavo rei é a besta (καὶ τὸ θηρίον ὃ ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν), declaração que analisamos na sequência deste artigo. Assim, as características dela são importantes para a interpretação do oitavo rei.

⁶ Para mais detalhes sobre esse tópico, ver LaRondelle (1989, p. 69-73; 2004); Paulien (2008); Shea (1980, p. 157-162); Loasby (1989, p. 129-132); Jauhainen (2005, p. 381-393).

2. Apocalipse 17 e o Oitavo Rei

Diversas propostas de interpretação para o símbolo do oitavo rei têm sido sugeridas pelos estudiosos. Entre elas: um imperador romano,⁷ um de sete papas,⁸ uma de sete formas de governo romano,⁹ o anticristo,¹⁰ a contrafação de Cristo,¹¹ a grande confederação mundial,¹² o diabo,¹³ a besta da terra¹⁴ e a besta do mar após a cura da ferida mortal (STEFANOVIC, 2009, p. 507, 515). A seguir, uma exegese do texto é apresentada em diálogo com essas propostas.

⁷ Muitos preteristas pensam assim, uma vez que, segundo eles, as sete montanhas (ἑπτὰ ὄρη) de Apocalipse 17:9 apontam para Roma (MOUNCE, 1998, n. p.). O uso da palavra ὄρος fortalece essa posição, porque era usada para se referir às colinas de Roma (STRABO, 1923, p. 400). Em relação a outros autores do mundo antigo que usam esse termo para se referir às colinas de Roma, ver Koester (2014, p. 677). Roloff (1993, p. 199) reconhece uma certa contradição nessa interpretação, porém sugere que João esteja pensando associativamente. No entanto, esse tipo de leitura do texto enfrenta algumas dificuldades. Em primeiro lugar, ela aproxima a mulher da besta, porém João faz questão de distingui-las (THOMAS, 1995, p. 296). Segundo, as sete cabeças pertencem à besta e não à mulher (JOHNSON, 2006, n. p.). Além disso, a escolha do primeiro imperador da lista tem sido discutida. Entre os nomes propostos estão Júlio César (CHILTON, 1987, p. 436); Augusto (CHARLES, 1920, p. 69) e Calígula (COLLINS, 1984, p. 64; PRIGENT, 1981, p. 261). Até mesmo Nero tem sido proposto, como lembra Kreitzer (1988, p. 93). O oitavo rei recebe as seguintes opções: Domiciano (SWETE, 1906, p. 218-219), visto como uma “reencarnação” de Nero (GIBLIN, 1991, p. 165); e Tito (FORD, 1975, p. 290). Caird (1966, p. 218) sugere que os leitores do 1º século também enfrentaram essas dificuldades na interpretação do texto; portanto, para ele, essa pode ser a solução errada. Além disso, a alusão a Daniel 7 (BEALE; MCDONOUGH, 2014, p. 1384-1385) sugere que os reis são mais bem vistos como reinos. O substantivo ὄρος, no Apocalipse (6:14, 15, 16; 8:8; 14:1; 16:20; 21:10), parece apontar para montanhas e não colinas (DUVALL, 2014, n. p.).

⁸ Essa proposta popular é uma estranha espécie de amalgamação entre preterismo e futurismo (RAMOS, 2014, p. 77-81).

⁹ Essa sugestão vê os montes como as colinas de Roma (KELLY, 1871, p. 364), de modo que ela se aproxima do preterismo e, por tal razão, enfrenta as mesmas dificuldades.

¹⁰ Jeffrey (1992, p. 183) sugere que essa figura será um homem e um reino possuídos por Satanás. Entretanto, Walvoord (2011, n. p.) pensa que será um império global gentio (não um governante) que estará em aliança com a religião apóstata, simbolizada pela mulher.

¹¹ Essa ideia se aproxima do idealismo, pois vê os números como simbólicos. Entre os autores que a defendem, estão Duvall (2014); Beale (1999); Morris (2009); Smalley (2005, p. 436-437); Harrington (1993, p. 175). Contudo, há dificuldades na interpretação dos cinco que caíram, o um que existe e o outro que ainda não chegou.

¹² Essa visão é sugerida por Hoeksema (2000, n. p.). Esse é, para ele, o sentido da frase “e a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete”. Paulien (2008, p. 128) também faz a sugestão de que o oitavo rei é uma confederação política e militar mundial no tempo do fim. Uma vez que a besta possui sete cabeças e dez chifres, ela seria a totalidade dos poderes políticos e militares do mundo. Outro autor a ir nessa direção é Doukhan (2002, p. 162). Para ele, a besta de Apocalipse 17 se assemelha ao dragão, à besta do mar e ao falso profeta. Contudo, Apocalipse 17 parece indicar uma distinção entre os reis e a besta, o que milita contra essas propostas.

¹³ Entre os estudiosos que defendem essa interpretação, estão Müller (2007, p. 49-50); Reynolds (2003, p. 101) e Kistemaker (2004, p. 597). Entretanto, Apocalipse 20:10 apresenta uma distinção entre o dragão, a besta e o falso profeta, o que enfraquece essa sugestão. Além disso, como é demonstrado abaixo, a besta provavelmente é um reino.

¹⁴ Essa é a sugestão de Dorneles (2013, p. 27-42). Entretanto, o fato de João distinguir o falso profeta da besta, em Apocalipse 19:20 e 20:10, milita contra essa interpretação. Além disso, essa besta não parece estar entre as sete anteriores, como é apresentado neste artigo.

3. O Contexto

Apocalipse 17 possui conexões com o tema das sete pragas, especialmente com a sexta e a sétima. Por tal razão, esse capítulo é considerado parte da narrativa das sete pragas (FARRER, 1986, p. 45; PAULIEN, 1995). Assim, o contexto é escatológico. Duas personagens são destacadas no texto de João: a meretriz e a besta. E ele pode ser dividido em duas partes: visão e interpretação. O capítulo também possui algumas ligações léxicas e temáticas com Apocalipse 13 e 19.

Estudiosos têm sugerido que a sexta e sétima pragas são desdobradas em Apocalipse 17¹⁵ e 18 (BEALE, 1999, p. 847; OSBORNE, 2014, p. 679). Apocalipse 17:1-2 parece apontar nessa direção (WITHERINGTON, 2003, p. 218).¹⁶ Um dos sete anjos,¹⁷ que tinha as sete pragas (Ap 17:1a), é a primeira evidência nessa direção. Em segundo lugar, o anjo menciona que a meretriz está assentada sobre muitas águas (Ap 17:1b). Paulien (2008, p. 103) identifica essas águas com o rio Eufrates de Apocalipse 16:12, uma vez que essa meretriz é Babilônia (Ap 17:5) e parece haver uma alusão a Jeremias 51:13. Além disso, Apocalipse 16:19 indica que a sétima praga envolve a sua destruição, fato ampliado em Apocalipse 17:16 e 18:1-24.¹⁸

Assim, o contexto de Apocalipse 17 é escatológico (FEE, 2013, n. p.), tal como ocorre com toda segunda parte do livro (STRAND, 1976). A destruição de Babilônia (Ap 17:16; 18:1-24) e a batalha do Armagedom (Ap 17:12-14) parecem ser eventos que culminam com o retorno de Cristo (Ap 19:11-21). Contudo, o juízo de Babilônia deve ocorrer antes dessa batalha (KRODEL, 1989, n. p.), uma vez que ela não é mais mencionada nesse contexto.

Além disso, a luta da besta e os dez reis contra o Cordeiro (Ap 17:12-14) é parte da interpretação da visão dada a João, uma vez que esse capítulo pode, essencialmente, ser dividido em duas partes (DYER, 1987, p. 310): visão (Ap 17:1-6)¹⁹ e interpretação (Ap 17:7-18).²⁰ Esse fato é importante para a compreensão da passagem e ficará mais claro quando falarmos da identificação da sexta cabeça. A primeira parte do capítulo trata mais amplamente de Babilônia e sua descrição, e a segunda, da besta e suas características.

Babilônia é descrita como uma mulher (Ap 17:3, 4, 6, 7, 9, 18; 19:2), meretriz (πόρνη) (Ap 17:1, 5, 15, 16; 19:2) e uma grande cidade (ή πόλις ή μεγάλη) (Ap 16:19; 17:18; 18:10, 16, 18, 19, 21). João parece contrastá-la com a mulher de Apocalipse 12. Seiss (1913, p. 109-111) sugere algumas correlações e contrastes entre essas mulheres: ambas são mães (Ap 12:5; 17:5), ambas possuem vestes dignas de atenção (Ap 12:1; 17:3), ambas sofrem perseguição (Ap 12:6, 13-16; 17:16) e ambas recebem apoio (Ap 12:6, 13-16; 17:8-11). Duff (2001, p. 85-87) lembra que ambas estão conectadas com seres

¹⁵ Kiddle (1940, p. 337) sugere que esse capítulo seja um "prefácio" para as descrições dos capítulos 18 e 19.

¹⁶ Essa é uma das razões pelas quais discordamos de muitos estudiosos que iniciam uma nova seção em Apocalipse 17:1. Giblin (1974) merece o crédito pela influência sobre esses estudiosos; contudo, há razões para discordar de sua proposta estrutural.

¹⁷ Há uma divergência sobre qual dos anjos foi o intérprete de João. Paulien (2008, p. 103) pensa que esse anjo é o da sexta praga; contudo, diversos estudiosos sugerem que seja o da sétima (STEFANOVIC, 2009, p. 505; SMALLLEY, 2005, p. 426). Tonstad (2019, n. p.) lembra que eles permanecem ativos até o fim do livro (Ap 17:1 e Ap 21:9). E Mounce (1998, n. p.) pensa que essas passagens descrevem a aparição do mesmo anjo. Porém, o texto não é claro sobre isso.

¹⁸ Alguns estudiosos buscam distinguir a Babilônia de Apocalipse 17 da que é apresentada em Apocalipse 18 (WALVOORD, 2011, n. p.), mas as evidências apontam noutra direção (DYER, 1987).

¹⁹ Reddish (2001, p. 322) sugere uma divisão em três partes, tendo Apocalipse 17:1-2 como uma introdução geral a toda a seção, que, para ele, avança até Apocalipse 19:10. Entretanto, esses versículos parecem ser mais bem entendidos como uma ponte entre Apocalipse 16 e 17.

²⁰ Uma estrutura mais detalhada tem a seguinte sequência: 17:1b-2: *palavras do anjo*; 17:3b-5: *primeira visão*; 17:6a: *segunda visão*; 17:7-14: *palavras do anjo*; 17:15-18: *palavras do anjo* (MÜLLER, 2007, p. 34).

demoníacos: o dragão, em Apocalipse 12:6, 13-16, e a besta, em Apocalipse 17:3. E ambas estão no deserto (Ap 12:6; 17:3). Essas correlações sugerem que essa meretriz é uma entidade religiosa apóstata (VELOSO, 1999, p. 183). E, uma vez que João destaca sua destruição pela besta e os dez reis (Ap 17:16) e que ela se senta sobre a besta (Ap 17:3), parece natural que essas entidades sejam distintas.²¹

Contudo, a meretriz e a besta estarão unidas durante algum tempo. Por tal razão, a besta é destacada no contexto do seu julgamento (Ap 17:1). Como Beale (1999, p. 847) sugere, um correto entendimento da mulher só é possível se a besta é compreendida plenamente. O relacionamento delas parece indicar a união entre o poder religioso, representado pela mulher, e o poder civil, apresentado pela figura da besta, o oitavo rei. A isso nos voltamos agora.

4. A Besta

A besta recebe destaque em Apocalipse 17: o termo é usado nove vezes,²² especialmente na segunda parte do capítulo, que trata da interpretação da visão. João sugere uma relação dessa besta com as águas, montes e reis, e tal relação pode lançar luz sobre a identidade dessa besta, como este artigo pretende demonstrar.

A apresentação da besta ocorre em Apocalipse 17:3, sem o uso do artigo, o que sugere que essa figura é diferente das bestas anteriores. Esse fato é reforçado ao se mencionar que ela é escarlata (κόκκινον).²³ Contudo, esses fatos não podem ser exagerados. Em primeiro lugar, porque uma situação similar quanto ao não uso do artigo ocorre na descrição da mulher (Ap 17:3): apesar de sua identificação com a meretriz do versículo 1, o termo γυναῖκα não recebe o artigo.²⁴ Entretanto, tal fato não deveria sugerir que ela seja uma nova entidade. Além disso, a menção de que a besta possui sete cabeças e dez chifres a aproxima do dragão (Ap 12:3) e da besta do mar (Ap 13:1-10). Essa descrição é ampliada pela informação de que a mulher está sentada (κάθημαι)²⁵ sobre a besta.

Esse verbo é elucidativo para a identificação da mulher. Em primeiro lugar, porque ele aparece quatro vezes em Apocalipse 17: duas vezes na parte da visão (Ap 17:1, 3) e duas vezes na seção da interpretação (Ap 17:9, 15). Em segundo lugar, porque esse verbo estabelece uma relação entre a besta, as águas, os montes e os reis nesse capítulo, uma vez que a mulher se senta sobre eles. Assim, é necessário um exame do uso desse verbo.

Logo na abertura do capítulo, João vê a meretriz sentada (κάθημαι) sobre muitas águas (Ap 17:1). Em seguida (Ap 17:3), a mulher está montada (κάθημαι) numa besta. Na seção da interpretação, a mulher está sentada (κάθημαι) sobre sete montes, que são também sete reis (Ap 17:9). Finalmente, o anjo explica que as águas sobre as quais a meretriz se senta (κάθημαι), “são povos, multidões, nações e línguas”.²⁶ O fato de o anjo ter explicado somente o sentido das águas pode sugerir que os demais símbolos (besta, montes e reis) significam a mesma coisa nessa união (STEFANOVIC, 2013, p. 16).

²¹ Blount (2009, p. 314) pensa que a mulher e a besta representam a mesma entidade, embora reconheça que uma distinção possa existir entre elas.

²² Apocalipse 17:3, 7, 8 (2x), 11, 12, 13, 16 e 17.

²³ A besta só é chamada assim aqui, embora o termo seja utilizado outras vezes no Apocalipse, em conexão com a mulher (Ap 17:4; 18:12, 16). Simcox (1909, p. 159) sugere a possibilidade de que a cor escarlata possa se referir à cor imperial.

²⁴ Esse é um fato comum no livro. A menção dos 144 mil, em Apocalipse 14:1, é anartra, por exemplo. Contudo, não há evidências de que seja uma entidade diferente da que aparece em Apocalipse 7:1-8.

²⁵ Esse fato indica que a meretriz a domina (OSBORNE, 2014, p. 681), o que é também a sugestão de Apocalipse 18:7.

²⁶ Essa explicação do anjo é singular, porque as águas sobre as quais a mulher se senta não fazem parte da visão, apresentada a João nos versículos 3 a 6. Elas são mencionadas no versículo 1, na introdução à visão desse capítulo.

No contexto de Apocalipse 17, a mulher e a meretriz mencionadas são dois símbolos para o mesmo referente. Isso é indicado pela comparação entre os versículos 1, 3 e 5 desse capítulo: no versículo 1, o símbolo é o da grande meretriz (τῆς πόρνῆς τῆς μεγάλης); no versículo 3, de uma mulher (γυναικα);²⁷ e, no versículo, 5 essa mulher é identificada com a meretriz (MOUNCE, 1998, n. p.),²⁸ pois é dela que se está falando (v. 4: ἡ γυνῆ). Assim, a meretriz sentada sobre as águas (Ap 17:1, 15), a mulher sentada sobre a besta (Ap 17:3) e sobre os sete montes, que são também sete reis (Ap 17:9), indicam a mesma entidade. E esse é um fenômeno comum no livro: dois símbolos para o mesmo referente (PAULIEN, 2008, p. 134),²⁹ o que sugere que os locais nos quais ela se senta também indiquem um referente.

Afinal, não há indícios no texto de que a mulher esteja montada em coisas diferentes.³⁰ Assim, o versículo 15, que explica o sentido das águas, também parece apontar para o significado da besta. E se é assim, então, ela é mais bem vista como sendo um reino – poder civil (SMITH, 2014, p. 457).³¹ Essa opinião pode ser fortalecida pelo sentido da palavra “montes” (ὄρος) em Apocalipse 17:9.³² Esse substantivo é usado recorrentemente no Antigo Testamento para se referir a reinos e nações.³³ Em suma, a posterior identificação deles como “reis” (Ap 17:9) também aponta nessa direção, pois essa é a linguagem bíblica para reinos, conforme Daniel 7:17 (LADD, 1985, p. 201). Dyer (1987, p. 439) destaca que essa interpretação explica melhor a identificação dupla das cabeças.

Se estivermos corretos, então, algumas propostas para a identidade da besta, o oitavo rei, não parecem se ajustar ao texto: a saber, um imperador romano, sete papas, sete formas de governo romano, a contrafação de Cristo e o diabo. Duas razões, até aqui, podem ser apresentadas para isso. A primeira envolve o fato de que a besta não é um indivíduo, mas um império. Tal fato milita contra a visão de que o diabo está por detrás desse símbolo, uma vez que ele não é um império, mas faz uso das nações globais para tentar atingir seus propósitos. Apocalipse 12:1-5 aponta nessa direção. E, em segundo lugar, uma vez que os montes indicam reinos sequenciais, não faz sentido pensar em seu número como simbólico. Ademais, essa visão também não explica como cinco dos sete reis caíram. A interpretação da sexta cabeça e, por consequência das demais, amplia esse último ponto. A isso nos detemos a seguir.

5. A Sexta Cabeça

Apocalipse 17:10 pode ser chave no contexto do estudo da identidade do oitavo rei. Em primeiro lugar, porque esse versículo estabelece um parâmetro temporal para a existência dessa figura. Em segundo lugar, a passagem também contribui para dar uma espécie de moldura, dentro da

²⁷ Smalley (2005, p. 428) destaca que, apesar de o substantivo aparecer nesse versículo de forma anárta, claramente a referência é à meretriz de Apocalipse 17:1.

²⁸ Witherington III (2009, p. 219) lembra que as prostitutas romanas costumavam usar uma faixa na cabeça com seu nome escrito nela e João pode estar ecoando esse costume.

²⁹ Essa característica está presente no capítulo 1: voz de trombeta e Filho do Homem; no capítulo 5: cordeiro e leão; no capítulo 7: 144 mil e grande multidão; no capítulo 21: noiva e Nova Jerusalém. O que João ouve, embora distinto do que ele vê, aponta para o mesmo referente (STEFANOVIC, 2009, p. 264).

³⁰ A sugestão de Koester (2014, p. 673) de que a mulher se senta sobre duas coisas distintas não é persuasiva dentro do contexto.

³¹ Vanni (1998, p. 54) sugere que a besta seja o poder do Estado que sustenta Roma (Babilônia). Esse poder do Estado é o do Império Romano (VANNI, 1998, p. 54). Entretanto, ele acredita que isso não esgota o significado do símbolo, que pode se aplicar a outros contextos na história.

³² Strand (2011, p. 234-235) destaca que essa é a melhor tradução para o termo. Tal fato pode ser percebido em seu uso recorrente no livro (Ap 6:14-15, 16; 8:8; 14:1; 16:20; 17:9; 21:10).

³³ Ver Salmos 30:7; 68:15-16; Isaías 2:2; 41:15; Jeremias 51:25; Daniel 2:35; Habacuque 3:6, 10; Zacarias 4:7.

qual se pode encontrar a que reino o símbolo do oitavo rei se refere. Afinal, o versículo 11 indica que ele “é um dos sete” reinos.

No entanto, a identificação da sexta cabeça permanece em debate,³⁴ e o tempo no qual ela está inserida é o cerne dessa discussão. Para alguns ela existe nos dias de João,³⁵ ao passo que, para outros, ela deve ser situada no tempo futuro – o tempo do julgamento da meretriz. Especialmente, estudiosos adventistas têm apontado nessa última direção (LARONDELLE, 1997, p. 331; MAXWELL, 2002, p. 493; DOUKHAN, 2002, p. 161-164). A pressuposição desse argumento envolve a introdução do capítulo: ali, o anjo afirma que mostrará a João o julgamento da grande meretriz (Ap 17:1).

E a evidência é encontrada na análise de Apocalipse 17:8-11, que sugere uma espécie de história da besta. Doukhan (2002, p. 162-163) é o responsável por detalhar essa compreensão. Ele tem argumentado que o mistério da besta pode ser compreendido por meio do estabelecimento de um paralelo entre os versículos 8 a 11,³⁶ pois os versículos 10 e 11 desdobram a mensagem do versículo 8 em quatro fases. Não sem razão, Boring (1989, p. 181) sugere que a repetição da história da besta, nesse versículo, destaca sua importância, e ela pode ser visualizada na tabela abaixo.

Quadro 1: Paralelos em Apocalipse 17:8-11

Paralelos em Apocalipse 17:8-11		
Versículo 8	Versículo 10	Versículo 11
Era (fase 1)	Caíram cinco (fase 1)	Era (fase 1)
Não é (fase 2)	Um existe (fase 2)	Não é (fase 2)
Está para emergir do abismo (fase 3)	Outro ainda não chegou (fase 3)	Oitavo rei (fase 3)
Caminha para a destruição (fase 4)	Tem de durar pouco (fase 4)	Caminha para a destruição (fase 4)

Fonte: O autor, com base em Doukhan (2002, pp.162–163).

Nessa proposta há uma associação entre Apocalipse 17 e Apocalipse 13 para a identificação das cabeças da besta. É destacado que Apocalipse 13 alude a Daniel 7 e lá o primeiro reino é Babilônia. Assim, ela deve ser a primeira cabeça de Apocalipse 17:9 também (MAXWELL, 2002, p. 493-494). Para Doukhan (2002, p. 163), a sequência é a seguinte: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma imperial e chifre pequeno. Tais reinos são os cinco que caíram na primeira fase. A sexta cabeça envolve o período da “ferida mortal”, quando a besta “não é” (MAXWELL, 2002, p. 495), pois suas cabeças devem ser coordenadas com a expressão “era e não é” (LARONDELLE, 1997, p. 331). Essa é a segunda fase. A terceira envolve o tempo da ferida mortal curada e do aparecimento do oitavo rei. E a quarta fase envolve a igreja,³⁷ que vai para a destruição (DOUKHAN, 2002, p. 163).³⁸

Entretanto, a coordenação entre as fases da besta e suas cabeças pode conflitar com a distinção entre a visão e a interpretação. Obviamente os versículos 8 a 11 fazem parte da interpretação

³⁴ Entre os preteristas, Stuart (1845, p. 57) e Gentry (1989, p. 153-158) sugerem que seja Nero. Para uma crítica a essa posição, ver Hitchcock (2007, p. 472-285). Robinson (1976, p. 243) prefere Galba; já Swete (1906, p. 217) propõe Vespasiano; finalmente, Collins (1984, p. 64) pensa que seja Domiciano.

³⁵ Diversos comentaristas apontam nessa direção, inclusive para defender a data do livro. No entanto, há quem afirme que essa lista dos reis não permite uma datação precisa do Apocalipse (THOMPSON, 1990, p. 15).

³⁶ Outro a defender que o versículo 8 apresenta a história da besta é Hendriksen (2015, n. p.).

³⁷ Nessa proposta, o oitavo rei é visto como sendo a igreja. Entretanto, Babilônia parece se encaixar nesse papel, como vimos acima.

³⁸ Doukhan (2002, p. 162) vê ainda que a besta escarlata apresenta características do dragão, da besta do mar e do falso profeta. Assim como o dragão, ela é escarlata; como a besta do mar, é um poder blasfemo; e, como o falso profeta, é uma entidade política. Por isso, ele acredita que a besta seja a coalizão desses poderes no fim dos tempos.

que o anjo dá a João,³⁹ e Strand (1976, p. 55) deixa claro que não faz sentido dar uma explicação sem considerar o que existe – o tempo do profeta. Müller (2007, p. 164) destaca que a leitura natural da expressão “um existe” (Ap 17:10) aponta para os dias de João. Finalmente, Paulien (2007, p. 251) salienta que “a visão não está necessariamente localizada no tempo e no lugar do profeta. Mas, quando ela é explicada, quase sempre essa explanação é dada no tempo, local e circunstâncias daquele que tem a visão”.

Müller (2007, p. 162-163) destaca que o paralelo entre as três fases da besta e as suas cabeças não é um procedimento requerido pelo texto. Para ele, soa estranho uma de suas cabeças existir enquanto a besta “não é”, pois a mulher é carregada por ela (MÜLLER, 2007, p. 156).⁴⁰ Além disso, Thomas (1995, p. 293) pode estar correto ao sugerir que Apocalipse 17:8 é uma passagem com aspectos proféticos, embora seja parte das palavras do anjo.⁴¹ O que não é o caso de Apocalipse 17:9-10, que trata exclusivamente das cabeças da besta. Portanto, uma comparação com Apocalipse 17:11 parece mais adequada e pode indicar que o oitavo rei é quem emerge do abismo (CAIRD, 1966, p. 219). Assim, a fase “era” abarca as sete cabeças da besta (cinco que caíram, uma que existe e outra que ainda não chegou). A fase “não é” indica um período no qual ela não existe, e a fase “aparecerá” aponta para o tempo do aparecimento do oitavo rei.

Portanto, a sexta cabeça é mais bem localizada nos dias do profeta João, no primeiro século (FIORENZA, 1994, p. 120), o que sugere que é a partir de Roma imperial que devemos ir para a frente e para trás na interpretação das cabeças. Dessa forma, os impérios que compõem as sete cabeças podem ser: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma imperial (HENDRIKSEN, 2015, n. p.; SEISS, 1913, p. 129) e Roma papal (MÜLLER, 2007, p. 165).⁴² Voltamo-nos agora para a identificação do oitavo rei.

6. O Oitavo Rei

A besta de Apocalipse 17:3 parece estar intimamente ligada à figura do oitavo rei, o que é sugerido por Apocalipse 17:11. Nessa passagem são feitas três declarações sobre o oitavo rei. A primeira é que ele é a besta sobre a qual a mulher está sentada (καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν)⁴³, a segunda é que ele é um dos sete (καὶ ἐκ τῶν ἑπτὰ ἐστιν) e a terceira é que ele caminha para a destruição (εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει). Essas três informações podem nos ajudar na identificação desse símbolo.

A razão para ver um oitavo rei em Apocalipse 17:11 envolve a expressão καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν, que possui uma conexão com βασιλεῖς (Ap 17:9), pois ὄγδοός e βασιλεῖς são masculinos. Além disso, a expressão conecta essa figura à besta (Ap 17:3). Não sem razão, a frase pode ser traduzida

³⁹ Embora uma visão seguida de interpretação seja comum em Daniel, não o é em Apocalipse (KOVACS; ROWLAND, 2004, p. 177).

⁴⁰ O verbo εἶμί no imperfeito, como aparece em Apocalipse 17:8 e 17:11, pode ser traduzido por “existia”. Essa tradução facilita a compreensão do argumento de Müller. Se a cabeça existe, como a besta não existia? Aune (1998, p. 940) declara que a frase “era e não é” reflete um epitáfio do mundo antigo.

⁴¹ O uso do aoristo εἶδες (Ap 17:8, 12, 15, 16, 18) indica que João não está mais em visão (AUNE, 1998, p. 917). Entretanto, o uso do futuro παρέσται (Ap 17:8) e da frase καὶ εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει (Ap 17:8, 11), que parece se cumprir em Apocalipse 19:20 (SIMCOX, 1909, p. 161), evidenciam o aspecto escatológico do versículo 8.

⁴² Duvall (2014, p. 647) sugere que o número sete seja apenas simbólico. Porém, o fato de cinco terem caído milita contra essa posição (THOMAS, 1995, p. 297).

⁴³ Do ponto de vista sintático e gramatical, a frase apresenta dois problemas. Primeiro, uma vez que ela se refere à besta, há um solecismo (MOT, 2015, p. 174-175), pois o gênero do substantivo θηρίον é neutro, ao passo que αὐτὸς e ὄγδοός são masculinos. Segundo, o pronome αὐτὸς é desnecessário na frase. Para um detalhamento dos barbarismos e solecismos no livro, ver Mot (2015).

como: “E ele é também um oitavo rei.”⁴⁴ O aparecimento do oitavo rei ocorre num contexto escatológico, porque essa frase é paralela às expressões “está para emergir do abismo” (v. 8a) e “aparecerá” (v. 8b). Essas expressões sugerem que o oitavo rei é uma nova manifestação da besta (PAULIEN, 2008, p. 210-211), o que nos leva à segunda frase de Apocalipse 17:11.

João também diz que o oitavo rei é um dos sete (καὶ ἐκ τῶν ἑπτὰ ἐστίν), mencionados em Apocalipse 17:9-10. Contudo, essa expressão é alvo de intenso debate. Três são as possíveis formas de compreender a sintaxe. Primeira, Osborne (2014, p. 691, 694) defende a tradução “está entre os sete”, embora veja essa declaração como se referindo à continuidade da oposição a Deus e Seu povo. Segunda, para Beale (1999, p. 876), o genitivo indica relacionamento. Dessa perspectiva, o oitavo rei possui a mesma natureza má e a finitude dos sete anteriores (MANGINA, 2012, p. 359). A tradução sugerida nesse caso é: “E procede dos sete.” Argumenta-se que se João desejasse indicar o contrário deveria ter usado o adjetivo εἷς, e a declaração deveria ser: εἷς ἐκ τῶν ἑπτὰ ἐστίν (MOUNCE, 1998, n. p.).⁴⁵ Porém, outros estudiosos sugerem que essa frase deva ser vista como indicando que ele “é um dos sete” (ZERWICK; GROSVENOR, 1993, p. 768), o que indica um genitivo partitivo (SMALLEY, 2005, p. 436).⁴⁶

O paralelo com Atos 21:8 parece fortalecer essa ideia, pois o fraseado é bastante similar: ὄντος ἐκ τῶν ἑπτὰ. E claramente, nessa passagem, o sentido da expressão ἐκ τῶν ἑπτὰ é “um dos sete” (ROBERTSON, 2014, p. 1214). Em qualquer proposta é destacada a relação do oitavo com os sete anteriores. Mas a comparação com Atos parece justificada pela estrutura da frase ἐκ τῶν ἑπτὰ + εἰμί, que não ocorre em outro lugar no Apocalipse.

Além disso, essa sugestão parece mais adequada ao contexto, que, como já mencionado, trata de uma reparação.⁴⁷ A frase εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει pode indicar isso, pois em Apocalipse 17:8 ela é usada no contexto do ressurgimento da besta que “era e não é”, uma vez que é precedida pela expressão καὶ μέλλει ἀναβαίνειν ἐκ τῆς ἀβύσσου. Portanto, em Apocalipse 17:11 ela pode indicar a mesma coisa. E os paralelos com Apocalipse 13 e 19 podem elucidar esse ponto. Começamos com Apocalipse 13.

7. Paralelos com Apocalipse 13

Apocalipse 17 possui paralelos com Apocalipse 13, que podem ser sistematizados em quatro níveis: temas, ideias, vocabulário e *background*. E tais paralelos podem ser úteis para a conexão entre o oitavo rei e a besta do mar.

De maneira mais visível, Apocalipse 17:3 se conecta com Apocalipse 13:1 ao mencionar uma besta com sete cabeças, dez chifres e com nomes de blasfêmia. Embora, haja uma pequena variação nas descrições, as semelhanças são inegáveis, sobretudo quando se percebe o tema do retorno em ambos os contextos. A reparação dessas bestas parece ser uma tônica nos capítulos 13 e 17 do livro (CHARLES, 1920, p. 71). Em cada capítulo, essa realidade é mencionada três vezes (Ap 13:3, 12, 14; 17:8a, 8b, 11), destacando a sua relevância (OSBORNE, 2014, p. 690). Além disso, como Thomas

⁴⁴ Aqui αὐτὸς funciona como pronome pessoal. Para mais informações do uso desse pronome, ver Mounce (2003, p. 101-103); Blass (1898, p. 164); Robertson (1919, p. 685-687).

⁴⁵ Embora o grego permita outras formas para essa frase.

⁴⁶ Há vários exemplos desse tipo de genitivo no Novo Testamento. No Apocalipse ele ocorre, por exemplo, em 5:11; 11:13; 20:5, entre outros versículos. Para mais informações sobre seu uso, ver Blass (1961, p. 90-91); Matthewson (2016, n. p.).

⁴⁷ Keener (2013, n. p.) vê o mito do *Nero redivivus* com algum peso na interpretação. Entretanto, essa visão preterista enfrenta dificuldades; para elas, ver Tonstad (2008, p. 175-199); Henten (2000, p. 3-17).

(1995, p. 285) sublinha, em ambos os capítulos há uma conexão da besta com Babilônia (Ap 14:8-11; 17:3, 7).

Estudiosos também destacam que Apocalipse 17:14 parece ser a resposta para a pergunta de Apocalipse 13:4: “Quem pode lutar contra ela [a besta]?” (BEALE, 1999, p. 880; SMALLEY, 2005, p. 439; STEFANOVIC, 2009, p. 516). Essa pergunta ocorre no contexto da “ferida mortal curada”, o que parece apontar para a batalha do Armagedom. E essa batalha parece estar no centro de Apocalipse 17:12-14. Além disso, tanto em Apocalipse 13 quanto em Apocalipse 17 se mencionam “presentes” dados às bestas, com terminologia semelhante. Em ambos os capítulos se opta pelo uso do verbo δίδωμι, e Deus parece ser aquele que está por detrás dessas concessões.⁴⁸ A besta que sai do mar recebe do dragão o seu poder (τὴν δύναμιν αὐτοῦ), o seu trono (τὸν θρόνον αὐτοῦ) e grande autoridade (ἐξουσίαν μεγάλην). E a besta do abismo recebe dos dez reis seu poder e sua autoridade (τὴν δύναμιν καὶ ἐξουσίαν αὐτῶν) e seu reino (τὴν βασιλείαν αὐτῶν).

Milligan (1903, p. 282) propõe que ambas as bestas estão engajadas na luta contra os restantes da descendência da mulher, mencionados em Apocalipse 12:17. Esse ponto parece evidente em Apocalipse 17:14, e nem tanto em Apocalipse 13:1-10. Porém, há indícios que apontam nessa direção. Inicialmente, é preciso observar que a luta contra os restantes da descendência da mulher não é explicada em Apocalipse 12. Em suma, a sequência do texto sugere que os 144 mil (Ap 14:1-5) podem ser o mesmo grupo chamado de restantes da descendência da mulher (THOMAS, 1995, p. 192). E esse grupo é contrastado com os recebedores da marca da besta (Ap 13:15-17), no contexto da atuação da besta da terra em parceria com a besta do mar, após a cura da ferida mortal. Finalmente, a perseguição aos restantes da descendência da mulher é subsequente à perseguição à mulher, conforme sugere Apocalipse 12:13-16 (MILLIGAN, 1903, p. 288).

Bauckham (1993, p. 394-395) vê uma conexão entre Apocalipse 13:18 e 17:9 com base em dois elementos: a linguagem e a descrição da besta. O autor nota que “as primeiras sete palavras de 13:18 se tornam as primeiras seis palavras de Apocalipse 17:9”.⁴⁹ Ele ainda observa que as sete cabeças e os dez chifres não são explicados em Apocalipse 13. Tal explicação só ocorre em Apocalipse 17:7-9 para clarificar a natureza do juízo sobre a meretriz: essa besta, o oitavo rei, em coalizão com os reis da terra, a “farão devastada e despojada”. Finalmente, Collins (1976, p. 171) destaca que a equivalência entre uma das cabeças da besta e ela mesma é um ponto de similaridade entre os dois capítulos.

O *background* de ambos os capítulos também parece, em essência, ser o mesmo: ambos têm Daniel 7 por trás de suas declarações. Em Apocalipse 13, a quantidade de cabeças e chifres parece provir de lá, bem como o tempo de atuação da besta, a natureza dela e seu caráter (BEALE, 1984, p. 229-234). Em Apocalipse 17 o número oito pode ter sua origem em Daniel (ALOMÍA, 2011, p. 133). Assim, como a menção à sua destruição (Ap 17:8 e 11), uma vez que é utilizado o substantivo ἀπώλεια. O verbo ἀπολύω ocorre quatro vezes em Daniel 7 (Dn 7:11, 17, 26 [2x]), três das quais tratando da destruição do quarto animal e do chifre pequeno. Giblin (1991, p. 183) destaca que o quarto animal de Daniel 7:11 é destruído pelo fogo, tal como ocorre com a besta em Apocalipse 19:20.

Há termos paralelos também. O verbo θαυμάζω aparece em ambas as passagens e em um contexto similar. Em Apocalipse 13:3 é dito que “toda a terra se maravilhou (θαυμάζω), seguindo a besta” depois que sua ferida mortal foi curada. E, como resultado, “adoraram (προσκυνέω) o dragão”

⁴⁸ Esse fato é sugerido em Apocalipse 13:5, em que o verbo δίδωμι na voz passiva tem Deus como sujeito implícito. Então, a autoridade concedida pelo dragão a besta, na verdade, tem sua origem em Deus (OSBORNE, 2014, p. 560), o que pode sugerir que o poder e o trono do dragão também são conferidos a besta sob a permissão divina. Em Apocalipse 17:17 essa ideia parece clara, e o uso de γνώμη num contexto similar, no versículo 13, aponta para um paralelo entre esses versículos.

⁴⁹ Apocalipse 13:18 – ὧδε ἡ σοφία ἐστίν· οἱ ἔχων νοῦν ψηφισάτω e Apocalipse 17:9 – Ὡδε οἱ νοῦς οἱ ἔχων σοφίαν.

(v. 4) e a besta. Essa declaração aparece novamente em Apocalipse 13:8;⁵⁰ ali os que habitam sobre a terra irão adorar a besta. Apocalipse 17:8 também usa o verbo θαυμάζω para se referir à reação dos que habitam sobre a terra diante do *aparecimento* da besta do abismo. Portanto, Apocalipse 17:8 parece repetir 13:3-4 e é paralelo a 13:8, pois trata das mesmas realidades (WILLIAMSON, 2015, p. 531). Tais paralelos sugerem que o oitavo rei é a besta que emerge do mar após a cura da ferida mortal (STEFANOVIC, 2009, p. 514). Veja as semelhanças entre Apocalipse 13:8 e 17:8:

Apocalipse 13:8 – καὶ προσκυνήσουσιν αὐτὸν πάντες οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς, οὐ οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐν τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς τοῦ ἀρνίου τοῦ ἐσφαγμένου ἀπὸ καταβολῆς κόσμου

Apocalipse 17:8 – καὶ θαυμασθήσονται οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς, ὧν οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα ἐπὶ τὸ βιβλίον τῆς ζωῆς ἀπὸ καταβολῆς κόσμου, βλέπόντων τὸ θηρίον ὅτι ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ παρέσται

8. Paralelos com Apocalipse 19

O conceito de recapitulação,⁵¹ sugerido primeiramente por Vitorino de Pettau (GIBLIN, 1994, p. 81),⁵² tem sido aceito e defendido por vários estudiosos do livro. Para Williamson (2015, n. p.), “o ponto mais importante sobre a estrutura do Apocalipse é que seu enredo não avança cronologicamente”. Collins (1976, p. 32-44) sugere que, com exceção do primeiro grupo de sete que trata das igrejas, todas as demais visões, quer numeradas ou não,⁵³ possuem natureza recapitulativa. E esse conceito pode ter implicações para a compreensão da identidade do oitavo rei de Apocalipse 17 no contexto da batalha do Armagedom, pois os estudiosos notam um paralelo entre Apocalipse 17:12-14 e 19:11-21. Essa última passagem detalha a “peleja do grande dia do Deus Todo-Poderoso” (NICHOL, 2014, p. 951).

Caird (1966, p. 243) vê três elementos que conectam Apocalipse 17:12-14 e 19:11-21: os personagens envolvidos (a besta, os reis, o Cordeiro e seus aliados), a vitória do Cordeiro e seus seguidores, e o título “Senhor dos senhores e Rei dos reis”, que é a causa da vitória do Cordeiro. Ele observa que, em ambas as descrições da mesma batalha (OSBORNE, 2014, p. 697) esses elementos ocorrem. A besta parece estar na liderança dessa tentativa de guerra contra o Cordeiro em Apocalipse 19:19. Entretanto, em Apocalipse 17:14, que é chamado de “paralelo fragmentário” por Aune (1998, p. 1065), isso não é explicitado. O contexto e a sintaxe, contudo, parecem apontar nessa direção. O pronome masculino e plural οὔτοι pode enquadrar a besta, além dos dez reis, uma vez que ela é identificada com o oitavo rei (καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν) em Apocalipse 17:11. E o termo oitavo

⁵⁰ Para a estrutura de Apocalipse 13:1-10 e a sugestão de que os versículos 5 a 10 explicam os versículos 1-4, ver Shea (2013, p. 375-379).

⁵¹ Alguns estudiosos preferem o termo reiteração por causa do uso que Irineu fez do termo recapitulação; ver Michaels (1992). Contudo, Thomas (1993, p. 47) lembra que o termo recapitulação é bem estabelecido quando se trata da estrutura do livro e argumenta que uma mudança de nomenclatura pode ser desaconselhável.

⁵² Embora ele não tenha usado o termo em si. Sua ênfase estava no paralelo entre as trombetas e as sete pragas. Mais tarde, os selos foram incorporados a esse conceito.

⁵³ Para uma crítica em atribuir numeração para as visões que João não numera, ver Bauckham (1993, p. 95). O autor destaca que a segunda série usa a expressão “e vi” oito vezes, e não sete. Garrow (1997, p. 9-10) observa que se João desejasse que essas visões fossem vistas em conjunto, poderia tê-las numerado como fez com as igrejas, os selos e as trombetas.

(ὄγδοός) é masculino. Adicionalmente, o mesmo pronome é utilizado em Apocalipse 17:16 para se referir à besta e aos dez reis.

Beale (1999, p. 878) acrescenta que as expressões “reis do mundo inteiro” (Ap 16:14), “dez reis” (Ap 17:12-14) e “reis da terra” (Ap 19:19) são equivalentes. Para ele, a evidência está no fato de que, em cada caso, eles se unem à besta para lutar contra o Cordeiro na batalha do Armagedom. De fato, Apocalipse 17 aparenta ser uma espécie de exegese de 16:12-16 (PAULIEN, 2008, p. 208) e trata com a batalha final da história terrestre (KISLER, 1992, p. 426), descrita na sexta e sétima pragas (STRAND, 1976, p 49; LARONDELLE, 1992, p. 154). E, se é assim, então Doukhan (2002, p. 176) pode estar correto ao sugerir que o cavaleiro do cavalo branco (Ap 19:11 e 19) é paralelo ao Deus que vem como ladrão (Ap 16:14-16).

O título “Senhor dos senhores e Rei dos reis” também pode fortalecer o conceito de recapitulação dessa luta (MANGINA, 2010, n. p.), uma vez que ele é singular no livro e ocorre somente nesses dois capítulos. Slater (1993, p. 160) nota que Apocalipse 19:16 tem Daniel 4:37 como fonte para esse título, o mesmo texto que parece ser a fonte de Apocalipse 17:14 (BEALE, 1985, p. 618-620). Não sem razão, Stefanovic (2009, p. 554) destaca que tal fato indica que Apocalipse 19 completa a cena introduzida em Apocalipse 17. Além disso, em ambos os contextos o “Senhor dos senhores e Rei dos reis” não está sozinho; é acompanhado pelos eleitos e fiéis (Ap 17:14) e pelos “exércitos que há nos céus” (Ap 19:14).⁵⁴ E, em cada caso, o Cordeiro e seu exército são vencedores.

Esses paralelos sugerem que os personagens são os mesmos nesses capítulos. Assim, a besta que “foi aprisionada” junto com o falso profeta pode ser a mesma que é mencionada em Apocalipse 17. Gramaticalmente esse parece ser o caso, pois o termo “besta” em Apocalipse 19:20 é acompanhado pelo artigo (τὸ θηρίον), que pode estar sendo usado de maneira anafórica.⁵⁵ De fato, a partir de Apocalipse 17:7 o termo θηρίον sempre é precedido pelo artigo (17:7, 8 [2x], 11, 12, 13, 16, 17; 19:19, 20 [2x]; 20:4, 10) e sempre parece ter a besta de Apocalipse 17:3 como referente. Alford (1878, p. 706) destaca que, apesar de essa besta ser introduzida como se fosse uma nova entidade em Apocalipse 17, sua identidade é “expressamente estabelecida” em Apocalipse 19:19-20. O versículo 20 diz: “Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram adoradores da sua imagem.” Tais palavras podem ser um eco de Apocalipse 13:14. Veja o paralelo, em grego, abaixo:

Apocalipse 19:20 – καὶ ἐπιάσθη τὸ θηρίον καὶ μετ’ αὐτοῦ ὁ ψευδοπροφήτης ὁ ποιήσας τὰ σημεῖα ἐνώπιον αὐτοῦ, ἐν οἷς ἐπλάνησεν τοὺς λαβόντας τὸ χάραγμα τοῦ θηρίου καὶ τοὺς προσκυνοῦντας τῇ εἰκόνι αὐτοῦ

Apocalipse 13:14 – καὶ πλανᾷ τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς διὰ τὰ σημεῖα ἃ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου, λέγων τοῖς κατοικοῦσιν ἐπὶ τῆς γῆς ποιῆσαι εἰκόνα τῷ θηρίῳ, ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ἔζησεν

As frases gregas τὰ σημεῖα ἃ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου (Ap 13:14) e ὁ ποιήσας τὰ σημεῖα ἐνώπιον αὐτοῦ (Ap 19:20) não somente indicam que o falso profeta é uma referência à besta da terra (BECKWITH, 1919, p. 734-735), mas sugerem que a besta aprisionada com ele é a mesma que surge do mar. Essas declarações possuem um contexto em Apocalipse 13:14: a cura da ferida mortal (ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ἔζησεν), o que parece ser o contexto para Apocalipse 19:20 (SWETE, 1906, p. 211). Ademais, o uso do artigo nessa passagem, que identifica a besta

⁵⁴ Horton (1991, n. p.) estabelece uma relação entre essas duas passagens. Para ele, o exército mencionado em Apocalipse 19:14 se refere aos eleitos e fiéis de Apocalipse 17:14.

⁵⁵ Para mais informações sobre o uso do artigo anafórico no grego, ver Wallace (2009, p. 217-220).

aprisionada com o oitavo rei de Apocalipse 17:11 (καὶ τὸ θηρίον ὃ ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν), pode fortalecer essa ideia, pois Apocalipse 17:8 menciona o oitavo rei saindo do abismo. Tais fatos apontam para uma nova fase de atuação dessa besta, posterior à fase “era e não é”. E isso se soma ao que já foi visto na exegese de Apocalipse 17.

Portanto, parece natural que existam algumas diferenças entre as descrições da besta em Apocalipse 13 e Apocalipse 17, entre as quais, o local de sua origem.⁵⁶ Além disso, os paralelos sugerem uma distinção entre ela e o falso profeta. Mais tarde, em Apocalipse 20:10, a besta também se distingue do dragão. Finalmente, eles lançam luz adicional para a compreensão da frase ἐκ τῶν ἑπτὰ ἐστιν (Ap 17:11). Em suma, Apocalipse 19:11-21 contribui para a identificação do oitavo rei e auxilia na exegese de Apocalipse 17.

9. Considerações Finais

As seguintes conclusões resumem este artigo. Primeira, o oitavo rei é a besta em uma nova aparição. Segunda, é um reino que aparece num contexto escatológico. Terceira, esse reino é distinto da besta que emerge da terra, do falso profeta (Ap 19:20) e do dragão (Ap 20:10). Quarta, esse reino é um dos sete anteriores. Finalmente, o aparecimento do oitavo rei envolve a cura da ferida mortal de Apocalipse 13:4, 8.

Referências

- ALFORD, H. **The Greek Testament:** The Epistle to the Hebrews; the Catholic Epistles of St. James and St. Peter; the Epistles of St. John and St. Jude; and the Revelation. Boston, MA: Lee and Shepards Publishers, 1878. Disponível em: <<https://archive.org/details/GreekTestamentCriticalExegeticalCommentaryByHenry/04.GreekTestament.CritExegComm.v4.Heb.toRevel.Alford.1878./>>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- ALOMÍA, M. **Apocalipsis:** mensaje misericordioso y oportuno. Lima, Peru: Idemerjos, 2011.
- AUNE, D. **Revelation 17-22.** Word Biblical Commentary, v. 52C. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998.
- BAUCKHAM, R. **The Climax of Prophecy:** Studies on the Book of Revelation. Edimburg: T&T Clark, 1993.
- BEALE, G. **The Use of Daniel in Jewish Apocalyptic Literature and in the Revelation of St. John.** Eugene, OR: Wipf and Stock, 1984.

⁵⁶ Entretanto, Chilton (p. 424) sugere que, uma vez que a mulher está sentada sobre muitas águas e sobre a besta, há uma relação entre elas, o que, em seu ponto de vista, fortalece a conexão com a besta do mar. Por sua vez, Lenski (1963, p. 500) defende que não há dificuldades entre Apocalipse 13:1 e 17:8 e os locais de saída da besta, uma vez que a declaração de 17:8 envolve a segunda aparição (depois da fase “era e não é”). Esse fato também pode explicar a razão pela qual ela é descrita sem o artigo em Apocalipse 17:1, uma vez que se trata de uma nova aparição da besta.

BEALE, G. The Origin of the Title "King of Kings and Lord of Lords" in Revelation 17. 14. **New Testament Studies**, v. 31, n. 4, p. 618-620, 1985.

BEALE, G. **The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

BEALE, G.; MCDONOUGH, S. M. Apocalipse. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Eds.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1.318-1.415.

BECKWITH, I. **The Apocalypse of John: Studies in Introduction with a Critical and Exegetical Commentary**. New York: Macmillan, 1919.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo Almeida**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BIGUZZI, G. Is the Babylon of Revelation Rome or Jerusalem? **Biblica**, v. 87, n. 3, p. 371-386, 2006.

BLASS, F. **Grammar of the New Testament Greek**. New York: Macmillan, 1898.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1961.

BLOUNT, B. **Revelation: A Commentary**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009.

BORING, E. **Revelation**. Louisville, KY: John Knox Press, 1989.

CAIRD, G. **A Commentary on the Revelation of St. John the Divine**. New York: Harper and Row, 1966. Disponível em:
<<https://archive.org/details/commentaryonreve0000cair/page/n5/mode/2up?view=theater>>. Acesso em 28 mar. 2022.

CHARLES, R. **A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John**. V. 2. New York: Charles Scribner's Sons, 1920.

CHILTON, D. **The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation**. Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1987.

COLLINS, A. **Crisis and Catharsis: The Power of Apocalypse**. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1984.

COLLINS, A. **The Combat Myth in the Book of Revelation**. Harvard Dissertation in Religion, v. 9. Missoula, MT: Scholars Press, 1976.

DORNELES, V. O oitavo império: novas hipóteses para os símbolos de Apocalipse 17. **Kerygma**, v. 9, n. 2, p. 27-42, 2013.

DOUKHAN, J. **Secrets of Revelation: The Apocalypse through Hebrew Eyes**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002.

DUFF, P. **Who rides the beast?** Prophetic Rivalry and the Rhetoric of Crisis in the Churches of the Apocalypse. New York: Oxford University Press, 2001.

DUVALL, J. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker, 2014. E-book.

DYER, C. The Identity of Babylon in Revelation 17-18: part 1. **Bibliotheca Sacra**, v. 144, n. 575, p. 305-316, 1987.

DYER, C. The Identity of Babylon in Revelation 17-18: part 2. **Bibliotheca Sacra**, v. 144, n. 576, p. 433-449, 1987.

FARRER, A. **A Rebirth of Images: The Making of St John's Apocalypse**. Albany, NY: State University of New York Press, 1986.

FEE, G. **Revelation: A New Covenant Commentary**. Cambridge: The Lutterworth Press, 2013. E-book.

FIORENZA, E. **Apocalisse: visione di un mondo giusto**. Brescia: Editrice Queriniaria, 1994.

FORD, J. M. **Revelation: Introduction, Translation, and Commentary**. New York: Doubleday, 1975.

GARROW, A. **Revelation**. New York: Routledge, 2002.

GENTRY, K. **Before Jerusalem Fell: Dating the Book of Revelation**. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989.

GIBLIN, C. Structural and Thematic Correlations in the Theology of Revelation 16-22. **Biblica**, v. 55, n. 4, p. 487-504, 1974.

GIBLIN, C. **The Book of Revelation: The Open Book of Prophecy**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1991. Disponível em: <<https://archive.org/details/bookofrevelation0000gibl>>. Acesso em 21 set. 2022.

GIBLIN, C. Recapitulation and the Literary Coherence of John's Apocalypse. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 56, n. 1, p. 81-95, 1994.

HARRINGTON, W. **Revelation**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1993.

HENDRIKSEN, W. **More than Conquerors**: An Interpretation of the Book of Revelation. Grand Rapids, MI: Baker, 2015. E-book.

HENTEN, J. *Nero Redivivus* Demolished: The Coherence of the Nero Traditions in the Sibylline Oracles. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**, v. 11, n. 21, p. 3-17, 2000.

HITCHCOCK, M. A Critique of the Preterist View of Revelation 17:9-11 and Nero. **Bibliotheca Sacra**, v. 164, n. 656, p. 472-285, 2007.

HOEKSEMA, H. **Behold He Cometh!** An Exposition of the Book of Revelation. Grand Rapids, MI: Reformed Free Publishing Association, 2000. E-book.

HOLMES, M. (Ed.). **The Greek New Testament**: SBL Edition. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2010.

HORTON, S. **The Ultimate Victory**: An Exposition of the Book of Revelation. Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1991. E-book.

JAUHAINEN, M. The OT Background to "Armageddon" (Rev. 16:16) Revisited. **Novum Testamentum**, v. 47, n. 4, p. 381-393, 2005.

JEFFREY, G. **Apocalypse**: The Coming Judgment of the Nations. Colorado Springs, CO: Water Brook Press, 1992.

JOHNSON, A. **Revelation**. Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006. E-book.

KEENER, C. **Apocalipsis**: del texto bíblico a uma aplicación contemporânea. Miami, FL: Editorial Vida, 2013. E-book.

KELLY, W. **Lectures on the Book of Revelation**. London: W. H. Broom, 1871.

KIDDLE, M. **The Revelation of St. John**. New York; London: Harper and Brothers, 1940.

KISTEMAKER, S. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KOESTER, C. **Revelation**: A New Translation with Introduction and Commentary. Anchor Yale Bible Commentary, v. 38A. London: Yale University Press, 2014.

KOVACS, J.; ROWLANDS, C. **Revelation**: The Apocalypse of Jesus Christ. Malden, MA: Blackwell, 2004.

KREITZER, L. Hadrian and the Nero *Redivivus* Myth. **Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Älteren Kirche**, v. 79, n. 1-2, p. 92-115, 1988.

- KRODEL, G. **Revelation**. Mineápolis, MN: Augsburg Fortress, 1989. E-book.
- LADD, G. **El Apocalipsis de Juan: un comentario**. Miami, FL: Editorial Caribe, 1985.
- LaRONDELLE, H. The Etymology of Har-Magedon (Revelation 16:16). **Andrews University Seminary Studies**, v. 27, n. 1, p. 69-73, 1989.
- LARONDELLE, H. **How to Understand the End-Time Prophecies of the Bible**. Miami, FL: First Impressions, 1997.
- LaRONDELLE, H. **Armagedom: o verdadeiro cenário da guerra final**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- LENSKI, R. **The Interpretation of St. John's Revelation**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1963.
- LOASBY, R. "Har-Magedon" according to the Hebrew in the Setting of the Seven Last Plagues of Revelation 16. **Andrews University Seminary Studies**, v. 27, n. 2, p. 129-132, 1989.
- LYU, R. **The Background and Meaning of the Image of the Beast in Rev. 13:14, 15**. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2016.
- MANGINA, J. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2012. E-book.
- MATTHEWSON, D.; EMIG, E. **Intermediate Greek Grammar: Syntax for Students of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2016. E-book.
- MAXWELL, M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- METZGER, B. M. **Un comentario textual al Nuevo Testamento Griego**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- MICHAELS, J. **Interpreting the Book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1992. E-book.
- MILLIGAN, W. **The Book of Revelation**. New York: A. C. Armstrong & Son, 1903.
- MORRIS, L. **Revelation**. Tyndale New Testament Commentaries, v. 20. Nottingham: InterVarsity, 2009. E-book.
- MOT, L. **Morphological and Syntactical Irregularities in the Book of Revelation: A Greek Hypothesis**. Leiden, Netherlands: Brill, 2015.

- MOUNCE, R. **The Book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998. E-book.
- MOUNCE, W. **Basics of Biblical Greek Grammar**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003.
- MÜLLER, E. The Beast of Revelation 17: A Suggestion (Part I). **Journal of Asia Adventist Seminary**, v. 10, n. 1, p. 27-50, 2007.
- MÜLLER, E. The Beast of Revelation 17: A Suggestion (Part II). **Journal of Asia Adventist Seminary**, v. 10, n. 2, p. 153-176, 2007.
- NICHOL F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. V. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- OSBORNE, G. R. **Apocalipse: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- PATE, M. (Org.). **O Apocalipse: quatro pontos de vista**. São Paulo: Vida, 2003.
- PATTERSON, P. **Revelation: An Exegetical and Theological Exposition of the Holy Scripture**. Nashville: B&H Publishing Group, 2012. E-book.
- PAULIEN, J. The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in Plot and Structure of the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, p. 245-264, 1995.
- PAULIEN, J. A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, G. W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007, p. 245-270.
- PAULIEN, J. **Armageddon at the Door: An Insider's Guide to the Book of Revelation**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008.
- PRIGENT, P. **L'Apocalypse de Saint Jean**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1981.
- RAMOS, S. **As revelações do Apocalipse**. V. 3. Curitiba, PR: Sergraf, 2014.
- REDDISH, M. **Revelation**. Macon, GA: Smyth & Helwys, 2001.
- REYNOLDS, E. The Seven-headed Beast of Revelation 17. **Asia Adventist Seminary Studies**, v. 6, p. 93-109, 2003.
- ROBERTSON, A. **Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research**. London: Hodder & Stoughton, 1919.

ROBERTSON, A. **Comentário do Novo Testamento à luz do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2014.

ROBINSON, J. **Redating the New Testament**. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1976.
ROLOFF, J. **Revelation**. Minneapolis, MN: Fortress, 1993.

SEISS, J. **The Apocalypse: A Series of Special Lectures on the Revelation of Jesus Christ with Revised Text**. V. 3. New York, NY: Charles C. Cook, 1913.

SHEA, W. The Location and Significance of Armageddon in Rev 16:16. **Andrews University Seminary Studies**, v. 18, n. 2, p. 157-162, 1980.

SHEA, W. Profecias de tempo de Daniel 12 e Apocalipse 12-13. In: HOLBROOK, F. (Ed.). **Estudos sobre o Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2013, p. 349-382.

SIMCOX, W. **The Revelation of S. John the Divine: With Notes and Introduction**. Cambridge: University Press, 1909.

SLATER, T. "King of Kings and Lord of Lords" revisited. **New Testament Studies**, v. 39, n. 1, p. 159-160, 1993.

SMALLEY, S. **The Revelation to John: A Commentary on the Greek Text of Apocalypse**. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.

SMITH, U. **Considerações sobre Daniel e Apocalipse**. Série Legado dos Pioneiros Adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Centro White Press, 2014.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. 2. ed. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

STEFANOVIC, R. The Seven Heads of the Beast in Revelation 17. **Faculty Publications**, n. 16, p. 16-19, 2013.

STRABO. **Geography: Books 3-5: With an English Translation by Horace Leonard Jones**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923.

STRAND, K. A. **Interpreting the Book of Revelation: Hermeneutical Guidelines, with Brief Introduction to Literary Analysis**. Worthington, OH: Ann Arbor Publishers, 1976.

STRAND, K. ¿Representan las siete cabezas emperadores romanos? In: Holbrook, F. (Ed.). **Símpoio sobre Apocalipsis - II**. Florida: Asociación Publicadora Interamericana; México: Agencia de Publicaciones Mexico Central, A. C., 2011, p. 222-260.

STUART, M. **Commentary on the Apocalypse**. V. II. Andover, MA: Allen, Morrill and Wardwell, 1845.

SWETE, H. **The Apocalypse of St. John**: The Greek Text with Introduction Notes and Indices. London: Macmillan and Co., Limited, 1906.

THOMAS, R. The Structure of the Apocalypse: Recapitulation or Progression. **The Master's Seminary Journal**, v. 4, n. 1, p. 45-66, 1993.

THOMAS, R. **Revelation 8-22**: An Exegetical Commentary. Chicago, IL: Moody Press, 1995.

THOMPSON, L. **The Book of Revelation**: Apocalypse and Empire. New York: Oxford University Press, 1990.

TONSTAD, S. Appraising the Myth of *Nero Redivivus* in the Interpretation of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 46, n. 2, p. 175-199, 2008.

TONSTAD, S. K. **Revelation**. Paideia: Commentaries on the New Testament. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019. E-book.

VANNI, U. **Apocalipsis**: una asamblea litúrgica interpreta la historia. Estella-Navarra: Editorial Verbo Divino, 1998.

VELOSO, M. **Apocalipsis y el fin del mundo**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

WALLACE, D. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALVOORD, J. **Revelation**. Chicago, IL: Moody Publishers, 2011. E-book.

WILCOCK, M. **The Message of Revelation**: I saw heaven opened. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1975. E-book.

WILLIAMSON, P. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2015. E-book.

WITHERINGTON III, B. **Revelation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A Grammatical Analysis of the Greek New Testament**. 4. ed. rev. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1993.